

GEOGRAFIA DE OURO PRETO: O LEGADO DO CICLO DO OURO PARA O LAZER E O TURISMO

Recebido em: 10/08/2022

Aprovado em: 27/11/2022

Licença: 

*Breno Montserrat Macedo Silva*¹

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil

*Luana Moreno da Silva*²

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil

RESUMO: Uma das principais características intrínseca ao turismo, é o seu caráter multidisciplinar, unindo diversas áreas e formando seu corpo de conhecimento. Almirón (2004) aponta sobre o crescente número de publicações acerca da denominada geografia do turismo, com o foco no estudo do espaço. Sendo o território físico um objeto necessário para a realização da atividade turística, é preciso entender seu processo de formação e sua utilização para práticas de turismo e lazer. A partir dessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo principal entender a influência da economia mineradora no surgimento da atividade turística e do lazer na cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais. A escolha do município de Ouro Preto como o foco do estudo é decorrente do importante legado histórico material e do crescimento do lazer na cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Geohistória. Ouro Preto. Atividades de lazer. Turismo.

GEOGRAPHY OF OURO PRETO: THE LEGACY OF THE GOLD CYCLE FOR LEISURE AND TOURISM

ABSTRACT: One of the main intrinsic characteristics of tourism is its multidisciplinary nature, uniting different areas and forming fields of knowledge. Almirón (2004) points out the growing number of publications about the so-called geography of tourism, with a focus on the study of space. Since physical territory is a necessary object for the realization of tourist activity, it is necessary to understand its formation process and its use for tourism and leisure practices. From this perspective, the main objective of this article is to understand the influence of the mining economy on the emergence of tourist and leisure activities in the city of Ouro Preto, in Minas Gerais. The choice of the municipality of Ouro Preto as the focus of the study is due to the important material historical legacy and the growth of leisure in the city.

KEYWORDS: Geohistory. Ouro Preto. Leisure activities. Tourism.

¹ Graduando em Turismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

² Graduanda em Turismo pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Introdução

O turismo se qualifica como um fenômeno social realizado a partir do deslocamento humano, envolvendo diversas áreas e setores, passando a ser influenciado e impulsionado por esses. Uma das principais características intrínseca ao turismo é o seu caráter multidisciplinar, unindo diversas áreas e formando seu corpo de conhecimento. Almirón (2004) aponta sobre o crescente número de publicações acerca da denominada geografia do turismo, com o foco no estudo do espaço. Sendo o território físico um objeto necessário para a realização da atividade turística, é preciso entender seu processo de formação e sua utilização para práticas de turismo e lazer.

Posto isso, o espaço é definido pelo geógrafo brasileiro Milton Santos (1978) como resultado da formação social, que evolui conforme o movimento da sociedade. Além disso, o geógrafo também considera a importância do estudo do espaço como totalidade, analisando a relação do passado e do presente e as estruturas organizadas pelo homem. Assim, pretende-se estabelecer a ligação entre Geografia, Lazer e Turismo, partindo da seguinte definição de geografia do turismo:

Outro caminho para os estudos de Geografia do Turismo pretende capturar a dinâmica do espaço turístico através da abordagem dos processos sociais que o engendraram. Daí decorrem as categorias de análise segundo M. Santos (1985) que objetivam decompor e recompor a totalidade nas perspectivas sincrônicas e diacrônicas. De acordo com o autor as categorias: forma, função, estrutura e processo constituem os eixos do método de interpretação do espaço geográfico, no caso, do espaço turístico (RODRIGUES, 2011, p. 75).

A partir dessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo principal entender a influência da economia mineradora no surgimento da atividade turística e do lazer na cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais. Se objetiva também analisar a formação do espaço da cidade, com uma visão geohistórica e geoeconômica da região. Para isso, utiliza-se do princípio da causalidade, mencionado por De Martonne (1954) como um dos pilares da geografia moderna, princípio que defende a importância de

remeter às causas do elemento estudado. Assim, o trabalho analisa desde os aspectos geográficos que influenciam no desenvolvimento de Minas Gerais.

A escolha do município de Ouro Preto como o foco do estudo é decorrente do importante legado histórico material e do crescimento do lazer na cidade. A antiga capital de Minas Gerais teve notória participação na formação do estado mineiro, e pode se beneficiar do início da exploração aurífera. Atualmente, Brandão (2007) retrata Ouro Preto como o resquício do fim do ciclo do seu principal produto de exploração, criando um ambiente em ruína e poético, como retratado em obras de Tarsila do Amaral e Olavo Bilac. Com a riqueza construída em seu passado, a cidade é considerada Patrimônio Cultural da Humanidade, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO e faz parte do Circuito do Ouro, instância da política de regionalização do turismo. Com isso, o turismo se tornou destaque local, sendo um dos principais destinos culturais do país.

O estudo possui abordagem qualitativa, uma vez que busca compreender a complexidade da natureza da questão, possibilitando o maior entendimento para o leitor. A metodologia conta com revisão bibliográfica, com o levantamento de artigos acadêmicos e publicações de geografia do turismo e da cidade de Ouro Preto. Obras de Milton Santos, Caio Prado Jr., Paul Singer, e de outros estudiosos foram essenciais para a construção do estudo. Ademais, o artigo é estruturado em três partes, inicialmente relatando sobre a construção geoeconomia de Minas Gerais, a seguir a construção de Vila Rica (Ouro Preto), e por fim, é traçada a relação entre o desenvolvimento territorial deixado pelo ciclo do ouro e sua contribuição para o lazer e o turismo.

Geoeconomia de Minas Gerais

Geoeconomia é o conceito que atribui às características geográficas, parte da influência do desenvolvimento econômico de cada região. Esse desenvolvimento, na economia de um estado com fortes características mineradoras, influenciou na migração e imigração, na ocupação das cidades, na atividade econômica e na comercialização. Não é possível apresentar a geoeconomia de Minas Gerais sem apresentar a perspectiva histórica desse processo, que organizou e formou as bases sócio histórico culturais e econômicas do estado.

Só aquele processo que se revela através da história e na sua perspectiva, nos pode dar assim a compreensão do que representa e significa realmente um fenômeno econômico, permitindo-nos com isso penetrar-lhe o dinamismo e dirigi-lo para os fins que nos interessam (PRADO JÚNIOR, 1954, p.5).

O estado de Minas Gerais faz fronteira com os estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Bahia, Goiás e Mato Grosso do Sul. Entre os 4 primeiros, é o único que não tem ligação com o mar. As características do relevo fazem com que apresente a altitude mais elevada do país, com altitudes que vão de 900 a 1500 metros ao longo do território. Devido aos motivos supracitados, Minas Gerais obteve um povoamento diferente do observado nas áreas litorâneas. Inicialmente, existiu no Brasil uma colonização, voltada à exportação e, desse modo, os colonizadores não tiveram interesse em explorar o interior do território, que se encontrava longe dos portos. Paul Singer (1977) localiza que a ocupação do solo mineiro se encontra em relação direta com o descobrimento aurífero no final do século XVII e início do século XVIII. Os primeiros descobrimentos foram nas regiões que viriam a ser os primeiros centros urbanos do estado: Mariana, Ouro Preto, Tiradentes e São João del Rei.

O desenvolvimento econômico de Minas Gerais está geograficamente condicionado ao depósito de substâncias minerais no solo e aos núcleos urbanos que

surgiram em função da mineração, nas palavras de Singer: "A mina é o núcleo fundamental das cidades, o terreno mais favorável nas imediações do núcleo funcional é a posição escolhida para desenvolvimento" (SINGER, 1977, p. 200). Nesse sentido, mesmo Minas Gerais sendo um centro de emissão de riqueza com o ciclo do ouro, o estado em si não tornava-se rico, relacionando com o fato anteriormente trabalhado sobre o Brasil ser um país exportador e Minas Gerais não ter saída para o mar.

Nessa perspectiva, o povoamento em outros centros urbanos se deu a partir dessa atividade econômica, caracterizando uma população dispersa e desarticulada no espaço. Caio Prado Júnior (1954) localiza que a economia brasileira sempre se organizou por ciclos, nos quais uma fonte natural de produção é encontrada, estimulada e desenvolvida até extrair o seu máximo, até que, por algum motivo conjuntural ou de recursos, há uma decadência e posterior esgotamento, tanto econômico quanto populacional. O país se comportou dessa maneira com a cana de açúcar e com o café e, portanto, com o ouro não seria diferente.

Como a economia está diretamente relacionada com a organização do território, urgia a necessidade de ter um centro econômico que interligasse as novas atividades econômicas que surgiam, como a agropecuária e as lavouras, e outras diferentes partes do estado. Ouro Preto, muito dependente do ciclo do ouro, acaba entrando em decadência e atuando somente como sede da administração provincial. Singer (1977) pontua a importância de uma sede de governo no centro de gravidade geográfica que pudesse, por si só, unir as diferentes zonas geoeconômicas, tema que será trabalhado no próximo capítulo.

Vila Rica: Atual Ouro Preto

A partir da necessidade de desenvolvimento de novas práticas e atividades para o crescimento da economia, novas áreas para além do litoral do país passaram a ser exploradas no século XVII, iniciando o processo de interiorização. A tardia ocupação do território de Minas Gerais se deu por esse processo, em razão do descobrimento de ouro principalmente nas faixas centrais do estado, entre a bacia do Rio Grande e o Jequitinhonha. Assim, uma série de expedições bandeirantes foram organizadas para o desbravamento do até então desconhecido território, para a exploração dos recursos minerais encontrados.

Com a chegada dos exploradores às lavras, formaram-se os primeiros núcleos urbanos de Minas ao entorno desses terrenos de exploração, sendo os de maior relevância aqueles localizados na faixa central durante o período de mineração. Como pontuado por Sales (1999) e referenciado por Cifelli (2005, p. 125) “os povoadores erguiam suas palhoças de barro batido (sopapo) e pau-apique, cobertas de palha ou sapé, guiados pela ocorrência do ouro. Esse aparecia não só no leito dos riachos e rios, como às suas margens e a meia encosta”. Posto isso, os depósitos de ouro de aluvião foram os primeiros a serem descobertos no estado, contudo, eram substituídos pela exploração nas encostas dos morros à medida em que iam se esgotando e, assim, deslocando as populações para outros espaços.

Dessa maneira, foram desenvolvidos os primeiros arraiais de Minas Gerais, que possuíam influência do Estado e da Igreja na organização do espaço urbano e da sociedade. Foram fundadas vilas, em 1711, para o fortalecimento do poder do Estado sobre Minas, sendo elas: Vila do Carmo, Vila da Nossa Senhora da Conceição do Sabará e Vila Rica (Ouro Preto).

Vila Rica, que foi considerada um dos maiores centros populacionais de Minas Gerais, e a mais importante das vilas, era composta pela junção de vários arraiais, entre eles o de Padre Faria, o de Nossa Senhora do Pilar e o de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, marcados por pequenas capelas e grandes terrenos de mineração. 9 anos após sua formação, Vila Rica foi nomeada capital de Minas Gerais, desenvolvendo durante este percurso uma intensa atividade comercial e mantendo a tradição religiosa.

Junto à mineração, o comércio foi uma prática de suma relevância para o desenvolvimento da Vila por gerar grande lucratividade, o que fez permanecer como essencial para o local durante um longo período de tempo. Mesmo em situações de crises de abastecimento e altas inflações relacionadas à posição geográfica de Minas, aliado ao foco exclusivo da Coroa sobre a mineração, a atividade comercial continuou a se expandir internamente criando uma corrente entre as diversas capitanias.

Assim como o Estado possuía um domínio sobre a Vila, a Igreja também tinha parte deste poder, um atuava em favor do outro a fim de ordenar a política, economia, administração e a sociedade durante o período colonial. Esse fato fica nítido ao considerar as 13 igrejas e capelas distribuídas pelo terreno, caracterizadas pela grande utilização de ouro em seus altares, além da presença de imagens sacras, marcas do Barroco Mineiro e Rococó. A função religiosa da Igreja, então, era fundida a outros setores da sociedade, interferindo nas ações e práticas de convívio dos moradores.

Por meio dos seus templos faustosos, a representação do poder da Igreja e a disposição hierárquica da sociedade se faziam presentes no espaço urbano de Vila Rica como reflexo da estrutura social vigente. No interior destes templos, os rituais litúrgicos misturavam-se à prática mundana condicionada pelos únicos momentos de convivência social entre homens e mulheres. (...) Dessa forma, a função religiosa dos templos cristãos coaduna-se com sua função social, gerando um espaço privilegiado de convívio e reunião social (CIFELLI, 2005, p. 133).

Com um controle rígido na administração da capitania e na cobrança de impostos, Vila Rica foi palco de uma série de movimentos políticos revolucionários

contra as opressões, principalmente fiscais, entre eles a chamada Inconfidência Mineira. E a partir desses movimentos de revolta, o estado passou a tomar medidas para reforçar o controle sobre a vila, como a construção de edifícios públicos, como Palácio dos Governadores e Casa de Câmara e Cadeia, que marcaram, de fato, o seu centro administrativo. Tais construções evidenciavam a autoridade administrativa do estado além de serem responsáveis pela alteração do centro comercial para seus arredores.

Apesar do período de ascensão econômica e social em decorrência da exploração aurífera, do final do século XVII ao século XVIII, um quadro de enfraquecimento da economia se instaurou, em razão da escassez do ouro e outros metais na região de Minas. Assim, com a redução drástica da prática mineradora e, por consequência, das atividades comerciais, Vila Rica deixou de ser um polo econômico, se mantendo apenas como uma referência político-administrativa. Transformando a marca da cidade, como descrito, "passa a incorporar uma imagem estigmatizada de cidade colonial, isto é, decadente, desordenada, irracional, desleixada" (NATAL, 2007, p. 18).

Com a queda deste ciclo do ouro, outras atividades passaram a se destacar em Minas Gerais, como a cafeicultura, que se expandiu por uma grande área do território e propiciou um importante progresso econômico e social da região sudeste. Apesar de não mais ser caracterizada como centro econômico, Vila Rica manteve seu poder administrativo a ponto de ser renomeada Imperial Cidade de Ouro Preto, em 1823, um ano após a proclamação da Independência do Brasil.

Ouro Preto permaneceu como capital de Minas Gerais até 1897, quando a cidade planejada de Belo Horizonte, localizada no antigo Curral Del Rei, passou a ocupar essa função. A troca se deu essencialmente pela necessidade de uma capital que representasse um polo político e econômico para o estado. Essa transferência da capital mineira dá a Ouro Preto o caráter de cidade colonial, ao deixar de ser o centro político

para se tornar um centro histórico importante para o patrimônio nacional, como mencionado por Natal (2007).

A nova sede de governo deveria estar localizada estrategicamente para se comunicar com as outras regiões econômicas centrais, criando uma conexão entre as áreas, com a concentração e o escoamento dos fluxos de mercadorias partindo de um mesmo centro. Além disso, a decadência da mineração acarretou na perda da identidade de Ouro Preto, com a dispersão de sua população, que estava em crescimento, para outros espaços do território, transformando-se em “um mero conglomerado administrativo de áreas economicamente autônomas” (SINGER, 1977, p. 212).

Após esse longo período de transformações da cidade, Ouro Preto passou por diversos processos de mudança como a emigração de muitos de seus moradores e trabalhadores para a nova capital, e sua consolidação como centro acadêmico, em razão das Escolas de Minas, Farmácia e Odontologia, e cultural, principalmente pela presença do Barroco Mineiro e do Rococó em diferentes produções artísticas e arquitetônicas espalhadas pela região. Com o esvaziamento da cidade, Fonseca e Sobreira (2001) apontam a preservação da paisagem e dos conjuntos arquitetônicos coloniais, que se tornaram muito importantes para o local. O desenvolvimento artístico na cidade, aliado a constante busca pela conservação das construções e monumentos levaram Ouro Preto a ser reconhecida como Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, no ano de 1980.

Desse modo, Ouro Preto segue até a atualidade com influências do período das explorações auríferas na disposição de sua população no espaço e em suas principais atividades econômicas, como o lazer e o turismo, que são fomentados, principalmente, pelo título de Patrimônio da Humanidade que a cidade recebe. O município se caracteriza pelo empenho em preservar seus considerados patrimônios ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento urbano, político e econômico.

Herança do Ciclo do Ouro para o Lazer e Turismo de Ouro Preto

Apesar de não ter se configurado como um polo de concentração econômica, Ouro Preto gozou, em parte, da exploração aurífera e o turismo utiliza desse passado histórico para estabelecer seu produto. Portanto, a história mineradora deu para a cidade um status e facilitou a instalação da lógica do mercado turístico. Desse modo, será analisado o espaço de Ouro Preto ao relacionar com sua importância para o lazer e o turismo.

O espaço deve ser trabalhado como uma totalidade, isto é, configurá-lo como uma consequência de um conjunto de funções, formas, estruturas e processos que se deram historicamente. É uma construção de raciocínio que se atém às condições do passado e às suas reverberações no presente. Estabelece-se, portanto, um diálogo com a noção do princípio de causalidade evidenciado por De Martonne (1954).

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida (...) o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (SANTOS, 1978, p. 122).

De tal maneira, percebe-se a configuração do espaço geográfico ouro-pretano como um resultado de processos, em estruturas social e econômica, que implicam em sua conjuntura atual como um polo turístico. Evidencia-se que tal condição representa uma consequência direta de todo o processo geohistórico na região, desde o modo de vida ali estabelecido com a exploração aurífera no século XVIII até o atual status de suas construções materiais e imateriais como patrimônio cultural e atrativo turístico. A construção do espaço de Ouro Preto está presente na dinâmica da cidade atual, influenciando também o lazer e o turismo. Por meio da geohistória e da geoeconomia, é possível compreender como essas estão interligadas com a configuração do espaço.

Desde as serras que marcam seu arredor, dos primeiros arraiais, o desenvolvimento da economia mineradora, até a mudança da capital mineira foram essenciais para firmarem o espaço atual e o funcionamento do lazer na antiga Vila Rica.

Inicialmente, ao analisar a paisagem, percebe-se dois aspectos: a geografia da cidade e os patrimônios. O âmbito geográfico é marcado pela limitação das serras de Ouro Preto ao Norte e Itacolomi ao Sul, a primeira apontada por Fonseca e Sobreira (2001) como o principal elemento de paisagem da área urbana. Além disso, a construção da cidade com suas ruas estreitas e morros, marcam o aspecto do destino, pois a malha urbana se estende do vale às vertentes das serras.

Sobre os patrimônios, neste estudo, optou-se por utilizar a definição de Barretto (2002, p. 11): “conjunto de todos os utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças e forma de vida cotidiana de todos os segmentos que compuseram e compõem a sociedade”. Nesse sentido, é importante dizer que o legado histórico-econômico propiciou a construção de importantes patrimônios que hoje são elementos que compõem os equipamentos de lazer na cidade, como as igrejas, as quais foram impulsionadas pela economia mineradora e, hoje, são palcos dos movimentos culturais na cidade. A cidade de Ouro Preto é um exemplo de como o patrimônio é utilizado para práticas de lazer e turismo, ao estabelecer-se como um dos principais destinos históricos do Brasil. Nas palavras de Marcellino: “[...] a manutenção e animação de equipamentos de lazer e esporte podem ser instrumentos importantes na re-significação do espaço urbano” (MARCELLINO, 2006, p. 76 *apud* ROSA, 2013, p.35).

Como relatado, o estabelecimento da exploração aurífera deu o pontapé inicial para que a cidade de fato se configurasse como tal e formasse sua comunidade local. Essa dinâmica de relações, por sua vez, trouxe mais desenvolvimento, criando redes cada vez mais complexas. Elas possibilitaram a expansão da paisagem local e suas

construções, o aumento do poder político e econômico da cidade, o crescimento da taxa populacional e a diversificação dos serviços prestados. Estes, posteriormente, garantiram ao município uma estrutura que, hoje, atrai turistas de todo o mundo.

O turismo em Ouro Preto consiste em uma rede que fornece ganhos econômicos, gera oportunidades de emprego para a população e traz renda para a cidade. O principal atrativo turístico é composto pelo patrimônio histórico da região, em função de seu passado minerador. Através dele, é perpetuado uma importante parte da história e cultura brasileira, representando o polo de um dos grandes ciclos econômicos do Brasil. Além disso, o fluxo turístico beneficia programas de valorização dos patrimônios locais, atrai estudantes de todo o mundo e aquece a produção de materiais artesanais e outros bens por parte da população local. Contudo, ele depende de outros elementos para ser suportado, como hotéis, restaurantes, sinalização de placas, treinamento de profissionais e transporte, entre outros. Todos esses serviços necessitam de uma eficiente gestão, com planejamento e manutenção condizentes.

Ouro Preto possui diversos equipamentos de lazer, como praças, bibliotecas, parques, entre outros, e como lembrado por Rosa e Marcellino: "As cidades, constituídas de ruas, bares, percursos, praças etc., são também grandes espaços e equipamentos de lazer" (MARCELLINO, 2006 *apud* ROSA, 2013, p. 36). Esses equipamentos também se tornam um atrativo para o turista, sendo os museus, casas culturais e igrejas os principais. Dessa forma, o desenvolvimento aurífero de Ouro Preto também influenciou nas práticas de lazer dos ouro-pretanos, pois possibilitou a construção de espaços e a configuração do espaço da cidade, com uma concentração de equipamentos na região central. As políticas públicas de lazer devem ser colocadas em destaque assim como as de turismo, considerando que "mais do que criar novos espaços

e equipamentos, é preciso recuperar, revitalizar, conservar e adaptar os existentes, possibilitando a sua democratização” (ROSA, 2013, p. 35).

Percebe-se que a gestão turística da cidade tem favorecido nos últimos anos a perpetuação de eventos na cidade, utilizando de suas ruas e símbolos históricos do período aurífero como cenário e elemento atrativo. Grande parte do acervo cultural produzido ao longo da história de Ouro Preto encontra-se exposto nos diversos museus e igrejas abertos à visitação pública. A arquitetura herdada da época colonial e do barroco mineiro também é o que mobiliza o cenário dos atrativos turísticos na cidade. A igreja tem um papel importante na vivência do lazer desenvolvida em Ouro Preto. São organizadas diversas festas e procissões religiosas pelas irmandades durante a Semana Santa.

Sobre os eventos, pode-se mencionar o Carnaval e a Festa do 12, que ocorrem anualmente, movimentando milhares de turistas. Esses eventos atraem grande número de turistas, mas também se configuram como um momento de lazer para a população, uma vez que é um evento aberto ao público. Nos últimos anos também, é notável um aumento e atenção considerável na elaboração de eventos e festivais na cidade por parte da administração pública local. Além dos já citados, podem ser mencionados o Festival Internacional “Tudo é Jazz” e o Festival de Inverno, que reúne ao longo do mês de julho um conjunto de eventos artísticos e culturais incluindo cursos, oficinas, exposições, shows, apresentações teatrais e outros. Eles incrementam a movimentação de pessoas na cidade, aquecendo os setores artístico, hoteleiro, gastronômico e histórico-cultural.

Entende-se, portanto, que a abordagem geohistórica e geoeconômica são essenciais para entender a configuração do espaço de Ouro Preto e como se dão as práticas de lazer e turismo, uma vez que grande parte dos equipamentos são frutos do período de exploração aurífera. O fim do ciclo do ouro deixou a cidade decadente, e em

um cenário posterior, o turismo surge como uma nova economia que se tornaria cada vez mais forte na cidade, aproveitando o espaço construído no período colonial. Espaços esses que também são utilizados para o lazer da população e que precisam ser conservados.

Considerações Finais

A definição de espaço por Milton Santos (1978) se refere a esse como resultado da formação social, que evolui conforme o movimento da sociedade. Ao estabelecer a ligação entre Geografia, Lazer e Turismo, considera-se importante o estudo do espaço como totalidade, analisando a relação do passado e do presente e as estruturas organizadas pelo homem.

O objetivo geral do presente artigo foi compreender o legado da exploração aurífera para a formação das atividades de lazer e turismo em Ouro Preto, que ocupou uma posição central na administração de Minas Gerais até determinado período. Para cumpri-lo, foi pesquisado sobre o passado colonial brasileiro e a posição de Minas em relação a outros estados do país.

Os aspectos geohistóricos e geoeconômicos do Brasil são os que revelam os motivos de Ouro Preto ter tido sucesso durante os séculos XVII e XVIII e seguinte decadência. Verificou-se que a antiga Vila Rica tinha uma riqueza de materiais, mas não tinha um êxito em conectar essas riquezas com outras partes do país e, portanto, urgia a necessidade de criação de um centro econômico e administrativo que interligasse as regiões, a futura Belo Horizonte

A pesquisa sobre os equipamentos de lazer e os recursos turísticos propiciou uma compreensão de como esses foram influenciados a partir da herança da época aurífera do estado. Esse passado proporcionou para a cidade um título de Patrimônio

Cultural da Humanidade pela UNESCO, que garante a proteção de um reduto de importância artística e histórica.

Foi localizado que o Poder Público de Ouro Preto tem favorecido nos últimos anos o fomento de eventos que utilizam de suas ruas e símbolos históricos do período colonial como cenário e elemento atrativo, como o Carnaval, a Festa do Doze, a Semana Santa, o Festival de Jazz e o Festival de Inverno. O sucesso da procura turística do acervo cultural produzido ao longo da história de Ouro Preto faz com que o acesso de grande parte dos museus e igrejas seja público. Esses eventos, assim como as igrejas, também são notados como momentos de lazer para a população, pois são abertos ao público e organizadas diversas festas e procissões religiosas pelas irmandades durante a Semana Santa.

Por meio deste artigo é possível compreender que o legado deixado pelo ciclo do ouro, com a transformação do espaço e diversas construções, impulsionou o fortalecimento das atividades de lazer e turismo em Ouro Preto. A arquitetura colonial encanta os visitantes e faz parte do imaginário turístico da cidade. Todo produto turístico possui uma imagem que é fator determinante para o processo de compras do turista e Ouro Preto utiliza do legado da exploração aurífera para firmar sua imagem e fomentar o turismo.

O presente artigo por possuir uma abordagem geohistórica e geoeconômica, baseada no princípio de causalidade de De Martonne, mantém o foco sobre o processo de formação de Ouro Preto e como o modo de vida e economia desenvolvidos influenciaram nas práticas de lazer e turismo. Este é apenas um estudo inicial, com o intuito de olhar para o passado para entender o presente, não descartamos a necessidade de estudos que evidenciem o uso dos espaços e equipamentos de lazer pela população ouro-pretana, a distribuição destes no território, a importância da preservação dos

patrimônios para continuarem a serem utilizados para lazer e turismo, os reflexos do fluxo turístico para a população local e muitos outros temas que precisam ser abordados.

REFERÊNCIAS

ALMIRÓN, A. V. Turismo y espacio. Aportes para otra geografía del turismo. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 166-180, 2004. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geosp.2004.73963. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/73963>. Acesso em: 6 ago. 2021.

BARRETTO, M. **Turismo e legado cultural**: as possibilidades do planejamento, Campinas: Papirus, 2002.

BRANDÃO, Angela. **Contemplação de Ouro Preto**: Murilo Mendes e uma poética para o barroco mineiro. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos, 24, 2007. São Leopoldo, RS. **Anais...** São Leopoldo: Unisinos, 2007.

CIFELLI, Gabrielle. **Turismo, patrimônio e novas territorialidades em Ouro Preto-MG**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, nº17. 2005.

DE MARTONNE, Emmanuel. Evolução da Geografia. In: DE MARTONNE, Emmanuel. **Tratado de Geografia física**. Lisboa: Cosmo, 1954, cap. 1. p. 1-22.

FONSECA, Marco Antônio. SOBREIRA, Frederico. Impactos físicos e sociais de antigas atividades de mineração em Ouro Preto, Brasil. **Revista Luso-Brasileira de Geotecnia**, Coimbra, v.91, 2001.

MARCELLINO, N. C. O lazer e os espaços na cidade. In: ISAYAMA, Hélder; LINHALES, Meily Assbú (Orgs). **Sobre lazer e política**: maneiras de ver, maneiras de fazer. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 65-92.

NATAL, Caion Meneguello. **Ouro Preto**: a construção de uma cidade histórica, 1891-1933. 2007. 233 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

PRADO Jr. **Diretrizes para uma política econômica brasileira**. São Paulo: Urupês, 1954.

RODRIGUES, Adyr. Geografia e Turismo - Notas Introdutórias. **Revista Do Departamento De Geografia**, São Paulo, v.6, p.71-82, nov. 2011.

ROSA, M. C. Lazer em Mariana e Ouro Preto. In: ROSA, M. C (Org.). **Lazer em Ouro Preto e Mariana**: espaços e equipamentos. Ouro Preto: UFOP, 2013. p. 27-44.

SALES, Fritz Teixeira. **Vila Rica do Pilar**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999.

SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SINGER, Paul. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. 2 ed. São Paulo, 1977.

Endereços dos/as Autores/as:

Breno Montserrat Macedo Silva
Endereço Eletrônico: mont172@ufmg.br

Luana Moreno da Silva
Endereço Eletrônico: luanamoreno@ufmg.br